

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

CAMILA ZUCHETTO BRAMBILLA

**AVENIDAS QUE ATRAVESSAM A CRÔNICA: GUILHERMINO CESAR E A
PORTO ALEGRE DA DÉCADA DE SETENTA**

PORTO ALEGRE

2009

CAMILA ZUCHETTO BRAMBILLA

**AVENIDAS QUE ATRAVESSAM A CRÔNICA: GUILHERMINO CESAR E A
PORTO ALEGRE DA DÉCADA DE SETENTA**

Trabalho de Conclusão para obtenção do
título de licenciada em letras pela
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Professor Orientador: Prof^a Dr^a
Marcia Ivana de Lima e Silva

PORTO ALEGRE

2009

AGRADECIMENTOS

Às Mulheres da minha vida que me ajudaram a me construir e fincar meu papel no mundo. Principalmente à minha mãe, que soube, acima de tudo, me transformar no que eu sou.

*Mas se vivemos, os emparedados,
Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...
Julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas
E os gritos de socorro ouvir, estrangulados.
E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.
Eu não receio, todavia, os roubos;
Afastam-se, a distância, os dúbios caminantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
Amareladamente, os cães parecem lobos.
E os guardas que revistam as escadas,
Caminham de lanterna e servem de chaveiros;
Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,
Tossem, fumando sobre a pedra das sacadas.
E, enorme, nesta massa irregular
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!
(Verde, Cesário. Sentimento de um Ocidental)*

RESUMO

Este trabalho monográfico assume a responsabilidade, em pequeno grau e poucas páginas, de apresentar a crônica sabatina do mineiro, radicado em Porto Alegre, Guilhermino Cesar. São apresentados fatos de sua vida que vão em direção à sua história literária, que durante a década de setenta está ligada à produção de crônicas que abordam a temática da urbanização na capital gaúcha.

Procura-se comprovar que a urbanização abordada nesses textos está intrinsecamente unida aos elementos de Modernidade que já haviam invadido o (in)consciente coletivo dos europeus e que, tardiamente, emaranhados ao processo de evolução urbana da cidade, tomaram os habitantes de Porto Alegre.

Assim, os assuntos arraigados na temática urbanização-urbanidade-modernidade invadem as crônicas de Guilhermino Cesar e as transformam em um retrato histórico-social da cidade em questão. O autor não deixou de lado a tão importante e visível qualidade literária que permeia sua obra, pelo contrário, apresentou ao público, que muito mais que um registro histórico desse período, esses textos são um exemplo claro da mais fina literatura produzida no Brasil.

Palavras-Chaves: Literatura Brasileira – Guilhermino Cesar– Crônica – Modernidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
AVENIDAS QUE ATRAVESSAM A CRÔNICA: GUILHERMINO CESAR E A PORTO ALEGRE DA DÉCADA DE SETENTA	08
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

O Brasil teve seu primeiro jornal publicado no século XIX, em 1808. O país iniciou essas publicações com certo atraso frente a outros países latino-americanos como México ou o Peru. No Rio Grande do Sul o Correio do Povo, que teve sua primeira edição no dia 1º de outubro de 1895, entrando em sintonia com o resto do Brasil, ainda é publicado e tem grande repercussão no estado até nossos dias. Por ser um veículo que se comunica com facilidade com a população leitora, o periódico, já que tem um preço normalmente mais acessível que um livro ou uma cartilha, e se encontra em bancas de jornais e revistas em diversas esquinas de qualquer rincão do território nacional, está no cotidiano do brasileiro, sendo ele o mais vulgar em linguagem e conteúdo ou o mais refinado na escolha da notícia e acesso. A crônica escrita no jornal é uma ponte que leva o público leitor a experiências literárias com a sutileza da linguagem desse gênero. Guilhermino Cesar escreveu durante mais de dez anos no *Jornal Correio do Povo* no *Caderno de Sábado*, suplemento cultural no qual Guilhermino Cesar era vizinho de página de Clarice Lispector e Mario Quintana.

Erudito que era, Guilhermino prezava uma linguagem refinada e poética, sem deixar de lado o cotidiano e suas aventuras no mundo do coloquialismo, sempre abordando-o de uma forma perspicaz e inteligente. Por ter liberdade temática, expressava-se com textos literários, críticas sobre todos os setores sociais, culturais e econômicos, além de pequenas narrativas, versões e reproduções. Na diversidade de temáticas encontramos a cidade de Porto Alegre em vários âmbitos e definições: problemas com uma empresa, com a ausência de cultura, com as ruas, com os carros, anúncio de atividades culturais, comentários sobre realizações do prefeito, falas de figuras públicas

ou suas atividades, enfim, um diversificado campo de abordagem cotidiana e histórica.

Com o intuito de estudar a vasta obra do escritor, os bolsistas do projeto "Guilhermino Cesar: Memória e horizonte na literatura brasileira", financiado pelo CNPq e desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela professora Maria do Carmo Alves de Campos, recuperaram o acervo de textos publicados pelo autor durante mais de uma década no jornal "Correio do Povo" de Porto Alegre. Durante a coleta foram encontrados textos dos mais diversos, desde crônicas de costumes até ensaios filosóficos. Para fins de pesquisa desse trabalho pretende-se investigar se as crônicas de Guilhermino Cesar podem ser caracterizadas como o retrato de uma época. Nossa hipótese é a de que esta documentação semanal vai muito além do registro histórico, muito importante para o reconhecimento da cidade, pois percorre o caminho da literatura e cria pontes entre o mundo porto-alegrense e o mundo da literatura mundial.

AVENIDAS QUE ATRAVESSAM A CRÔNICA: GUILHERMINO CESAR E A PORTO ALEGRE DA DÉCADA DE SETENTA

Guilhermino Cesar da Silva nasceu em 1908 no interior de Minas Gerais. Aos oito anos, ele, filho de uma minúscula cidade chamada Eugenópolis, escreveu e editou sua primeira obra poética em homenagem a Oscarina, uma menina sardenta que morava nas redondezas. O menino, ainda um rebento na literatura, filia-se a grêmios literários, participa de edições de jornais da cidade de Cataguases, lugar onde estudou e conheceu seus amigos Rosário Fusco, Ascânio Lopes e Francisco Inácio Peixoto, companheiros de vida e de profissão. O jovem Guilhermino, aos 19 anos, provou a sua ancoragem no mundo da literatura, quando, em 1927, funda com os já citados amigos e outros, a revista “Verde”, considerada por Mário de Andrade uma das mais importantes vertentes Modernistas do país. Sobre a Semana de 22, suas ramificações e o seu Modernismo, o autor diz que antes de ser modernista era um conservador que conseguia ser crítico dessa novidade literária, porém não deixou de enamorar-se dela:

De repente, veio o Modernismo. Eu me atirei ao Modernismo com ânsia de liberdade porque eu estava preso ao mundo perempto, ao mundo morto, estava preso à tradição parnasiana. Eu criticava o Modernismo em suas demasias porque eu já tinha condições de comparar um autor modernista com um Olavo Bilac ou um Alphonsus de Guimaraens. Eu tinha a perspectiva crítica. Por isso, a minha poesia é uma poesia um tanto conservadora. Mesmo no “Meia – Pataca” (de parceria com Francisco Inácio Peixoto), meu livro de estréia, minha poesia é bem conservadora para a época.¹

Esse namoro durou o suficiente para a criação do citado “Meia Pataca” em parceria com Francisco Peixoto e Rosário Fusco e outras publicações de Vanguarda como o Tablóide que virou suplemento de jornal: *Leite Criôlo*. Continua percorrendo seus caminhos literários e acadêmicos

¹ Instituto Estadual do Livro. In.: Autores Gaúchos, 13. Entrevista concedida a Léa Masina e Vera Regina Morganti. Porto Alegre, RS; IEL, 1986

formando-se em direito, lecionando literatura, economia, história e filosofia. Fundou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais e dirigiu alguns jornais e revistas mineiros. No ano de 1939 Guilhermino publicou seu primeiro e único romance “Sul”, que tem como ambiente a Zona da Mata Mineira.

Embora houvesse grandes possibilidades de desenvolver-se literariamente no espaço de sua terra natal, Guilhermino, como um homem que perpassa os tempos e as fronteiras, não se acostumou com aquele pequeno ambiente, talvez porque o espaço restrito de Minas não suportasse sua genialidade e flexibilidade, e começou a “botar o pé no mundo”.

Foi como Chefe de Gabinete do interventor Federal do Rio Grande do Sul, Cel. Ernesto Dorneles, que Guilhermino trilha o caminho que se pretende percorrer neste trabalho. Como o autor foi um grande e múltiplo intelectual, sua criação é diversa, incluindo prosa, verso, tradução, crônicas (objetos desse estudo), entre outras formas de literatura. Na capital do Rio Grande do Sul se destacou em diversos setores acadêmicos: professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, fundador do Instituto de Letras, consagrado professor Catedrático de Literatura Brasileira do Instituto de Filosofia. Aqui teve vários cargos importantes em institutos históricos e culturais como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Por seu intenso trabalho intelectual, recebeu, em vida, homenagem e placa da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada) e, postumamente, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul o saudou com uma praça em seu nome. Recentemente, no ano de 2008, no centenário de nascimento do autor aconteceram dois eventos comemorando a data: no dia 15 de maio no Instituto de Letras da UFRGS aconteceu o *Seminário Guilhermino Cesar, Memória e Horizonte*, onde alguns professores, pesquisadores de sua vida, autoridades do Instituto de Letras, ex-alunos do professor Guilhermino Cesar apresentaram trabalhos e fizeram pequenas conferências sobre obra e vida do autor. Três meses depois, no Santander Cultural em Porto Alegre ocorreu o *Colóquio Internacional Guilhermino Cesar*

onde além do lançamento do livro *Caderno de Sábado. Páginas Escolhidas. Guilhermino Cesar 1908-2008* (organizado pela professora Maria do Carmo Campos) principal referência deste trabalho, professores vindos de Portugal, Minas Gerais e São Paulo, além dos gaúchos fizeram conferências e participaram de mesas redondas discutindo sua vida e obra.

Sua participação na vida pública da cidade também teve um peso importante: foi o primeiro padrinho (lê-se patrono) da Feira do Livro de Porto Alegre em 1955 repetindo o feito em mais duas edições: 1977 e 1990, tendo em outras ocasiões proferido discursos sobre ela que facilitavam o acesso do público ao sentido e direcionamento da Feira; Ela é considerada outro grande evento cultural da cidade até os dias de hoje. Inclusive, a feira do Livro de Porto Alegre carrega o título de uma das maiores feiras da América Latina em seu formato ao ar livre.

Da cidade de Porto Alegre, Guilhermino voou pelo mundo. Viajando à África, França, Portugal. Nesse último país, na Universidade de Coimbra, ganhou o título de Doutor Honoris Causa da Cátedra de Literatura Brasileira, cadeira que havia inaugurado três anos antes. As viagens feitas pelo escritor o influenciaram no conhecimento de diversas espécies e formas de cidades. Das que conheceu na Europa ou na África, nenhuma tinha pontos em comum com a pequena cidade de Eugenópolis, exceto o ser humano como um reflexo da sociedade em que vive. Percebeu que o cosmopolitismo podia encantar as multidões, porém lhe deixava embaralhado.

Na definição de Edgar Allan Poe, nosso escritor se encaixaria na personalidade de um *Flanêur*, pois, para Poe, o *Flanêur é antes de tudo um incomodado com seu tempo*. O contato com diversas civilizações e suas realidades facilitou a observação do autor: tendo como comparar uma cidade à outra, Guilhermino sabia o que aconteceria com Porto Alegre quando, *mesmo cheia de tradições, foi-se delas despojando com indiferença de súbito, da noite para o dia, compreendeu-se que era preciso ser tal qual Buenos Aires, que é o esforço despedaçante de ser Paris*.² A irônica citação de João do Rio, combina

² RIO, João do. *O Velho Mercado*. IN.: *Cinematographo*. Porto, Chardon, 1909. Pág.: 215

demasiado com a ironia do nosso autor e não só em relação à cidade, mas também com o que ela produziu: o cimento, o caos no trânsito, as construções verticais e as ideologias produzidas pela sociedade de massa nascida no seio dessa urbe. Um bom exemplo disso é a crítica que fazia ao sistema educacional e seus novos moldes: os cursinhos pré-vestibular, estudos fragmentados e superficiais e universidades sem pensadores; outra, a crítica feita ao trânsito da cidade, aos ruídos e estragos provocados por ele; aos inferninhos, aos destruidores de parque, à tão famosa Borregard que permaneceu instalada durante uma boa parte da década de setenta em Guaíba e que, embora em outra cidade, empestou o ar com seu péssimo cheiro, enchendo a cidade de críticas, tal como as crônicas de Guilhermino sobre os perfumes de Porto Alegre³.

O autor, em meados dos anos 70, já previa a fragmentação humana nesse espaço de hoje, a dita Pós-modernidade:

Continuamos a cultivar as modernidades farfalhantes a qualquer preço, fazendo do conhecimento um brinco de salão, uma pose, uma espécie de brilhante no dedo – coisa vitoriosa, para embasbacar o indígena.⁴

Como um viajante, conhecedor e reconhecido em outros espaços, Guilhermino poderia aproximar-se a um antigo cronista colonial viajante, descrevendo as várias terras e seus sabores, decifrando espaços para outrem, reunindo informações sobre habitantes e cenários. Entretanto o que fez foi adentrar no espaço moderno da Crônica, este que se aproxima da sua realidade produzindo sem vulgaridade, buscando a poesia que se pode tirar do cotidiano.

A crônica, pela própria etimologia – *chronus*/crônica - é um gênero colado ao tempo. Se em sua acepção original, aquela da linhagem dos cronistas coloniais, ela pretende-se registro ou narração dos fatos e circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como estes pretensamente ocorreram de fato, na virada do século XIX para

³ Ver crônicas *O cheiro*; *Antologia do Cheiro* e *Carta ao Cheiro* no livro: *Caderno de Sábado. Páginas escolhidas*. Guilhermino Cesar, 1908 -2008 Org.: Maria do Carmo Campos. Caxias, Rio Grande do Sul. EDUCS, 2008.

⁴ CESAR, Guilhermino. In.: *Caderno de Sábado. Páginas Escolhidas*. Guilhermino Cesar 1908-2008 Org.: Maria do Carmo Campos. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. EDUCS, 2008.

o século XX, sem perder seu caráter de narrativa e registro, incorpora, uma qualidade moderna: **a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador**. Num e noutro caso, a crônica guarda sempre de sua origem etimológica a relação profunda com o tempo vivido. De formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo. Não fosse senão por essas razões, já seria justo que dela se ocupassem os historiadores.⁵

Assim como diz Margarida Neves que a história deveria ocupar-se da crônica pelas razões citadas, estas são também suficientes para que os estudos literários se ocupem dela.

A crônica de Guilhermino não se encaixa em nenhuma definição de gênero, pois ele escrevia com diferentes estruturas. Na retomada de seus textos escritos no *Caderno de Sábado*, foram encontradas crônicas de costumes, crítica literária, poemas, ensaios históricos e até ensaios de caráter filosófico.

Aliás, esse trabalho não nasceu com intenção de tipificar a escrita semanal de Guilhermino no jornal, que percorreu toda a década de setenta, e sim de propor reflexões sobre o processo histórico vivido na cidade de Porto Alegre e quanto isso veio a influenciar a escrita de nosso poeta, apresentado o valor literário desses textos de jornal. Justo porque a crônica *elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural*⁶ é que o tema a ser abordado por este trabalho está no cotidiano e nas inquietações do homem comum do Porto dos Casais na citada década.

As epifanias de Guilhermino em suas crônicas, tal qual a da personagem Ana, do conto *O amor de Laços de Família* da escritora Clarice Lispector, que por um tempo foi vizinha à página 3, moradia dos textos de Guilhermino, podem nascer de uma situação ou objeto banal, que publicamente parece normal e ou corriqueiro, mas que surpreende a um bom e

⁵ NEVES, Margarida de Souza. *Uma escritura do tempo: Memória, Ordem e Progresso nas Crônicas Cariocas*. In.: A crônica. O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Org.: Setor de filologia da FCRB. Campinas, SP; Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

⁶ CANDIDO, Antonio. *A Vida ao Rés-do-chão*. In.: A crônica. O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP; Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

poético olhar. Em tempos de massificação, o poeta bem poderia ser o *Flâneur*, o observador encantado com o mundo colorido e repleto de diferentes caras, galerias, cigarros, amores e desordem. Entretanto, nosso poeta, influenciado por seu gênio forte, trouxe à tona aquilo que não se pode observar com prazer ou simples contemplação: os problemas da sociedade de massas e suas ideologias alienadoras e polarizadoras, que destroem em parte o indivíduo que precisa se reconhecer como ser humano e não como um pedaço do bloco das construções modernas.

Benjamin, em *Paris do Segundo Império*, ao falar dos Apaches questiona a representação do Poeta herói da Modernidade: *Representa a escória os heróis da cidade grande ou será antes herói o poeta que edifica sua obra a partir dessa matéria? A teoria da Modernidade admite essas duas hipóteses.*⁷ Com essa citação podemos dizer que Guilhermino compõe a grade dos heróis que usam a modernidade, como um sentimento de angústia, para criar e recriá-la em versos, prosas e crônicas.

Esse sentimento usado como criação literária cresceu unido ao desenvolvimento de uma Porto Alegre em processos de aceleração de urbanidade. Foi na capital que o poeta fixou moradia por mais de quarenta anos, por isso ali teria que fixar seus desejos, amores e contemplações. Entretanto ele percorreu diversos horizontes: na mesma época que ia e vinha da Europa escrevia e dava aulas em Porto Alegre. Com esse processo de distanciamento constante deveria reconhecer-se ainda mais cidadão porto-alegrense percorrendo o caminho da maioria de muitos poetas desde o Romantismo: o de que a distância da terra natal uniria, por um sentimento de saudosismo e não adaptação, o nativo ao seu lugar de origem. Guilhermino, porém, como viajado e viajante mostrava-se um cidadão do mundo e um conhecedor de suas interfaces. Sua percepção de Porto Alegre era a de um homem com a imensa carga de conhecedor de mundos, por isso percebeu, talvez antecipadamente se comparado a outros escritores, a chegada do

⁷ BENJAMIN, Walter. *Paris do Segundo Império*. In.: Charles Baudelaire **Um lírico no auge do capitalismo**. Obras Escolhidas III. São Paulo, SP; 1989: Editora Brasiliense

progresso em uma corrida desesperada no sentido da urbanização sem critérios.

Porto Alegre alcançou sua modernização muito tempo depois da matriz de desenvolvimento do mundo Moderno: Paris. A cidade do dito primeiro poeta moderno: Charles Baudelaire. O século XIX para a capital francesa foi marco para evoluções urbanas que transformaram a cidade em um centro de indústrias e seus proletários nos ocupantes famigerados do subúrbio; de galerias que reuniam a alta sociedade e também o indivíduo observador encantado por essa urbe, o *flâneur*, que observa a cidade de dentro das galerias e como um errante calmo nas ruas agitadas de Paris, tal como dizia Walter Benjamin, se deliciando e permitindo-se experimentar o gosto da vida moderna. Cidade que, além disso, teve sua paisagem afetada diretamente em função dos carros e bondes que já ocupavam as avenidas, às multidões que caminhavam como um monobloco, devido também às luminárias e luzes de propaganda e anúncios, lugar de cheiros confusos e gritantes a um olfato nervoso: perfumes, fumaças, flores, peixes... Essa aura construída no século referido estava bem longe de parecer-se ao Brasil, mais ainda à Porto Alegre. *Em Literatura e Cidade Moderna* Claudio Cruz traz as primeiras experiências da cidade de Porto Alegre com a Modernidade na década de 30. A cidade teve essa década como a declaradora de suas transformações urbanas, ainda engatinhando nesses processos. Segundo Cruz, a primeira metrópole brasileira foi a cidade do Rio de Janeiro, naquele momento capital do país. Seguida diretamente por São Paulo.

Reconhecida Paris como matriz da moderna civilização urbana, precisamos nos situar em relação a ela, a este centro irradiador do universo burguês do século XIX. Claro que muito deste século XIX francês só chega aqui no século XX, como é o caso do aparecimento da *cidade moderna*. Em relação ao Brasil a primeira cidade a se modernizar foi a Capital Federal, o Rio de Janeiro, num período que em linhas gerais, pode-se estabelecer como sendo de 1900 a 1920.⁸

⁸ CRUZ, Claudio. *Literatura e Cidade Moderna – Porto Alegre 1935*. EDIPUCRS: Instituto Estadual do Livro, IEL, 1994. Porto Alegre RS

A Porto Alegre referida no texto de Cruz é ainda uma mescla entre aquilo que encanta - o novo – e o que prende - o velho. Mesmo tendo um território relativamente perto do da Capital Federal, Porto Alegre tinha uma maior proximidade cultural com os países do Rio da Prata: Argentina e Uruguai. Costumes, clima e habitantes se entrecruzam nesta fronteira, o que de fato afasta a capital do Rio Grande do Sul do Rio de Janeiro, pois além de o clima tropical estar distante da realidade do Sul, estão distantes os costumes litorâneos e aristocráticos, assim como o aparecimento da pequena burguesia no Rio Grande do Sul foi mais lento. A aristocracia rural mantinha como prioridade de produção, por isso de economia, o latifúndio em pecuária extensiva ou a monocultura. A queda vigente da “Colônia Velha” - economia de sistemas de centralização na pecuária extensiva e nas produções rurais – como definem Cecília F. de Souza e Dóris M. Müller no livro *Porto Alegre e sua evolução urbana* só aconteceu na década de 1960. O Porto, que por longo tempo foi referência da cidade, já foi chamado de Porto de Viamão e foi uma entrada que proporcionou à cidade o desenvolvimento comercial e, em consequência, a aparição da burguesia industrial e da pequena-burguesia autônoma.

Os pontos da cidade que eram próximos ao Rio Guaíba foram transformando-se em calçadas, os comércios crescendo. Já em 1950 se formou a orquestra sinfônica de Porto Alegre, inserindo a cidade também em um roteiro cultural brasileiro. A evolução da cidade pode ser vista por infinitos ângulos: a aristocracia rural encaminhando seus filhos para a cidade, o desenvolvimento da polis porto alegreense com seus prédios e mercados, suas gentes e seus cheiros, incômodos como o da fábrica de celulose Borregard instalada em Guaíba, ou gostosos como os dos sabores do Mercado ou floridos de primavera.

Para registros de história é importante lembrar que o Brasil desde 1964 estava açoitado por uma ditadura militar, que, para mostrar à sociedade as maravilhas de seus governos, usou como artifício de propaganda as construções faraônicas em todo o país. Foi nessa década que foi edificado o viaduto da Avenida João Pessoa (1975), considerado uma das representações desse estilo arquitetônico. O prefeito Thompson Flores, citado por Guilhermino

em diversas crônicas, foi quem desenvolveu a maioria dos projetos dos planos diretores da cidade que começaram a ser pensados e registrados ainda na década de 1960. Foi ele também quem fez a Primeira Perimetral da cidade, que serviu de exemplo a mais dois traslados entre bairros nas décadas seguintes.

Antes de partir diretamente à década de 70 e seus engarrafamentos na Avenida Independência ou barulhos dos “inferninhos” no centro da cidade, é imprescindível registrar que foi a partir de 1954 que as áreas de comércio se expandiram no centro da cidade mudando sua paisagem. Também se faz necessário lembrar que as indústrias, já nessa década, ocupavam grandes vias de acessos, nas mais largas avenidas da cidade, locais de bastante concentração populacional e onde se podia aproveitar para buscar a mão de obra necessária. Segundo Célia Ferraz de Souza e Dória Maria Müller foi na década de 1960 que a mão de obra começou a tornar-se mais barata devido às correntes migratórias vindas das zonas não legalmente constituídas. Esse câmbio interfere diretamente nos planos diretores e na visualidade do centro e suas vias, dando os primeiros passos em direção às ruas massivamente ocupadas. Ainda em relação às interferências na cidade, o Rio Guaíba sofreu uma agressão do cimento quando, após diversos episódios de enchentes, sendo a última dessas no fim dos anos 1960, o poder público municipal optou por construir um muro na tentativa de evitar novas ocorrências, o que alterou um dos maiores cartões postais da cidade. O processo de construção da muralha cinza foi muito questionado devido a questões políticas sociais e militares.

Ainda citando Souza e Müller, é importante dar-se conta do crescimento populacional da cidade, pois de 1960 a 1970 a população cresceu em 885 mil habitantes. Entretanto, segundo nota das autoras: “De 1970-1980 passa para 1.125.477 habitantes...”⁹. Um crescimento acima das últimas três décadas.

⁹ MÜLLER, Dóris Maria; SOUZA, Célia Ferraz de. *Porto Alegre e sua Evolução Urbana*. 2 ed. UFRGS Editora, Porto Alegre, RS, 2007

O movimento pendular proveniente das cidades da Região Metropolitana ajudou bastante no processo massivo de ocupação das ruas, pois as empresas e comércios incharam o centro da cidade.

Segundo Sandra Pesavento, a “Cidade por oposição à natureza, é o lugar e a obra do homem, tal como o Deus bíblico, a constrói a sua imagem e semelhança”¹⁰. Mesmo assim, o homem comum não se percebe construtor da urbe e por isso não se acomoda a ela, ao contrário, sente um incômodo que não assola somente intelectuais como Guilhermino, mas a população em geral que se perturba diante da edificação da Cidade Moderna. Nosso poeta assaz observador profere suas críticas para além da banalidade, já que não é somente porque existe o barulho, mas porque esse barulho interfere na contemplação, no silêncio do pensamento e da reflexão.

Inserido nesse contexto de novas marcações urbanas resultantes de um “boom” moderno iniciado na década de 1940, encontramos um poeta marcado pela pesquisa e curiosidade, reflexo da sua seriedade como intelectual e homem. O conjunto homem/pesquisador tornou Guilhermino Cesar um severo crítico do cotidiano resultante dessa modernização em Porto Alegre.

A Modernidade já sofria de velhice e gagueira naqueles tempos. O progresso que havia representado a salvação do mundo já mostrava seus problemas; produtos dele, as grandes urbes começavam a mostrar os problemas causados pelo excesso de confiança nos processos de urbanização (enraizados pela modernização).

Embora já não se pensasse que o progresso partido da máquina e das grandes produções fordistas ou a invasão dos trens e aberturas de estradas aumentando a velocidade das cidades fossem a salvação para uma civilização em decadência, desgosto resultante de desgastes causados pelas duas grandes guerras, era clara a euforia causada por oportunidades de

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A cidade maldita*. In.: *Imagens Urbanas – Os Diversos Olhares na Formação do Imaginário*. Org. : PESAVENTO, Sandra Jatahy, SOUZA, Célia Ferraz. 2 Ed. UFRGS Editora, Porto Alegre, 2008.

crescimento e pelo desenvolvimento de tecnologias que cresciam com a cidade.

Não com o intuito da verossimilhança, menos ainda pensando em fatos jornalísticos, mas tentando compreender e ajudando o leitor a refletir, Guilhermino escreveu, incansavelmente, sobre todas as situações descritas acima registrando no *Caderno de Sábado* crônicas de diversas formas.

Por ser *assunto controverso, pois que heterogêneo, o texto escrito sob o epíteto de crônica não se coloca como um objeto fácil de definir e classificar*¹¹ por isso esse gênero permite que encontremos em sua diversidade uma riqueza poética bastante importante. Essa beleza diversa se encontra no já citado livro organizado pela Professora Doutora Maria do Carmo Alves de Campos *Caderno de Sábado; Páginas Escolhidas. Guilhermino Cesar 1908-2008* editado pela editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS). Livro dividido em seis partes, justo para abarcar a heterogeneidade de linguagem e riqueza temática: *Viajante Aprendiz; Sonhos não enchem barriga?; Na Estante e na Cabeça; Nos Aposentos da História; A ignorância triunfante e Tudo são Metáforas*.

A segunda parte “*Sonhos não enchem barriga?*” – citação retirada de crônicas ou títulos do próprio escritor, assim como todos os outros subtítulos do livro – é onde encontramos esse estranhamento distante do *flâneur*, por sua perda de encantamento com a cidade de Porto Alegre e sua descoberta daquilo que um cidadão não gostaria de perceber em sua cidade: a degradação do ambiente e do convívio humano.

Guilhermino, herdeiro leitor da crônica mais fina - brasileira e estrangeira - influenciou-se não apenas pelo desenvolvimento do cinza e das multidões na Capital, mas pelo poder da palavra como pura literatura.

¹¹ NEVES, Margarida de Souza. *Uma escritura do tempo: Memória, Ordem e Progresso nas Crônicas Cariocas*. In.: A crônica. O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP; Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

Guilhermino Cesar apresentava ao seu leitor um estilo erudito latente nos textos sabatinos:

Há cidade cartões-postais; sentimo-nos diante delas como que magnetizadas pela beleza natural, ou pelo hábil aproveitamento, em benefício da fisionomia urbana, dos recursos da natureza. Atenas, do alto de seu mirante – O Partenon – se leva o homem a reconhecer-se “bicho da terra tão pequeno”, por outro lado tem a gentileza de lhe afagar a vista. Coimbra, pousada como um fantasma sobre o velho alcácer mouro, ou Viana do Castelo, espraiando-se à flor das águas, ou ainda Beirute, entre pinheiros e rochas esponjosas – tais cidades nos contam da possível fraternização do homem com o meio ambiente.

O trecho acima inicia a crônica *Humanização do Cimento* de 05/10/1974. Nela podemos analisar o uso da palavra lapidada com a clareza que se pode lapidar a pedra, fazendo-a limpa, porém preciosa no sentido de não entregar-se aos vícios do cotidiano e do próprio jornal.

Poderíamos correr o risco de pensar em um Guilhermino desleixado com as palavras ao ter um primeiro contato com a crônica *Civilization* do dia 27/10/1973, pois nos deparamos com diálogos monossilábicos: - *Oi!* – diz o rapaz./ - *Oi!* – diz a moça. /- *Oi!* – cumprimenta o velho. /- *Oi!* – Responde a velha. Entretanto no primeiro aprofundamento de leitura percebemos que nada mudou no escrever do velho Guilhermino, pois esse é só mais um artifício de linguagem para entrar no assunto da incomunicabilidade dentro da cidade. Pois, no mesmo texto encontramos esse parágrafo: *e a resposta aérea, como pensamento em manhã de noivado, límpida como diamante de Ofir, branca e polida como os dentes de Galatéia, a tal que vidrou o poeta de Córdoba;* que representa a fina linguagem do poeta, em uma escrita cheia de referências literárias e intertextuais.

Durante todo o texto de *Civilization* o escritor apresenta os cidadãos das urbes como pessoas que (...) *vêm toda a aventura espiritual da modernidade encarnada na última moda, na última máquina(...)*¹² e para isso usa o modelo de linguagem empobrecido do cotidiano, como última moda:

¹² BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

O mundo está ficando cada vez mais legal, mais vidrado, bacana, a mulher bacanérrima, a ONU mais do que bacana, a roupa pré-desbotada (bacana), o doce-de-coco muito bacana, Canoas é uma cidade muito mais bacana do que Anta Gorda; em Anta Gorda não é como Erexim: os moços (ou moças? pelo cabelo não se conhece) ainda se cumprimentam assim:

- Oi!Oi!

E as moças respondem:

- Oi! Oi!

O que é um desperdício positivamente: o desperdício é uma sílaba (digo), de dois fonemas, neste século veloz(...)

A última moda representada pelos cabelos longos, ou pela gíria “bacana” e a roupa pré-desbotada, é uma representação dessa aventura na modernidade e da necessidade de acompanhar seus processos. Assim como o uso repetitivo da gíria demonstra a ironia do autor ao apresentar a frivolidade do uso cotidiano das palavras em seu uso mais banal.

Machado de Assis, ao falar sobre o gênero crônica citou o cotidiano como âmago para o desenvolvimento dessa espécie de texto. Essa citação se cola ao nascimento do estilo abordado nesse trabalho:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica;mas há toda a probabilidade de crer que foi contemporânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo, às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.¹³

O perspicaz exemplo da conversa de vizinhas traz à tona um ponto crucial da crônica eleita: existe uma propensão a crer no fim do banal/humano do cotidiano, assim seria possível ver o desaparecimento das longas conversas e interações que constroem o contato e a personalidade cotidiana, atingida diretamente pela indiferença criada nos blocos humanos e do trabalho em série das indústrias, unidas à ganância de chegar ao âmbito da pequena burguesia que causa uma eterna corrida pela riqueza e chegada ao ápice que leva ao estado burguês.

¹³ ASSIS, Machado. *História de 15 dias*. In.: NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In.: *A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Org.: Setor de Filologia da FCRB. Campinas, SP; Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

Mais uma vez em *Civilization*, o escritor invade o espaço do comportamento humano na metrópole, e, reforça a falta da comunicação, mostrando o revés do que Machado canta como o possível início da crônica. Na cidade, segundo Guilhermino:

Já não sabemos falar: urramos, grunhimos,
mas não falamos. Aqueles cumprimentos antigos:

- Bom dia, seu Praxedes, como vai o Senhor?

e sua competente resposta:

- Bem, obrigada. E o senhor, a patroa, os filhos?

já eram. Agora o negócio é rápido, leve
instantâneo, aerodinâmico:

- Oi!

- Oi! ¹⁴

Os grunhidos citados por Guilhermino aparecem na estrutura mais pura de monólogos criados por esses cidadãos porto-alegrenses. Essa estrutura cortada de diálogos dá ao texto um movimento tipicamente urbano, apresentando fragmentações textuais e informações rápidas que situam o leitor no clima da cidade. Com essas representações o autor mostra ao leitor personagens tipicamente modernos: como o anarquista (sujeito representativo das grandes ideologias de massas do século XX) ou o “poeta lírico de Anta Gorda” representação irônica da vulgaridade em que os intelectuais se colocam nesse tempo:

A moça, o aleijado, o vendedor de bilhetes, o
pleibói, o anarquista, o namorado, o arquiteto, a menina
abstrata, o sífilítico, o protético, o agrônomo, o poeta lírico de
Anta Gorda – todos hoje se cumprimentam de longe :
-Oi! ¹⁵

Essas alegorias figurativas se mesclam com personagens importantes também componentes desse século como Hitler ou Perón que, diretamente, estão ligados à manutenção da macro-estrutura social: *E a pomba da paz voltou a voar sobre a Terra, e a Terra ficou de novo quietinha, fazendo sábado inglês com muita dignidade aos pés da Rainha Vitória. Depois veio Hitler, o Nasser, o Perón (pela terceira vez)...*

Mais uma vez em *Civilization* aparece uma definição de civilização a partir da acepção do homem:

¹⁴ CESAR, Guilhermino. *Civilization* In.: Caderno de Sábado. Páginas Escolhidas. Guilhermino Cesar 1908-2008 Org.: Maria do Carmo Campos. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. EDUCS, 2008.

¹⁵ Ib. Idem 13.

Agora somos todos civilizadíssimos. Bebemos duas novelas nacionais e meia garrafa de uísque estrangeiro por dia. Vamos ao dentista aos quinze anos e encomendamos logo as dentaduras duplas, aquelas de que fala o poeta Drummond – de âmbar, “por que não de âmbar?” É mais prático: o beijo sai asséptico, arejado entre dois blocos; uma boca sem mistérios, sem dores de dente, sem nevralgias neste brejo, você já viu como é bom o clima de Brasília?¹⁶

A descrição do homem novo, da geração moderna, despedaçada de sentimentalidade e humanidade está retratada no trecho acima. A assepsia e a boca sem mistérios mostram uma civilização que não se preocupa com o desejo e com a emoção, o que caracteriza uma (des)humanização que unida à frivolidade e à liquidez de vivências sem prazer reforça uma costura de desinteresse pelo que há na essência humana. A citação de Drummond leva a uma triste constatação: a de que o âmbar – representação da artificialidade – seria mais adequado que a pele, que aquilo que nos é natural, elevando o artificial como o mais essencial.

Outra vez apresenta-se o progresso como essência da civilização de um povo amante das frivolidades e das máquinas como a televisão. Em *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da Modernidade* Berman cita Baudelaire :

Tome-se qualquer bom francês, que lê seu jornal, no seu café, pergunte-se-lhe o que ele entende por progresso, e ele responderá que é o vapor. A eletricidade e a luz do gás, milagres desconhecidos dos romanos, testemunho incontestável de nossa superioridade sobre antigos. Tal é o grau de escuridão que se instalou nesse cérebro infeliz!¹⁷

Os porto-alegrenses começam a sentir essa realidade, já sentida na França do século XIX, tal qual o cidadão europeu quando esse deparou-se com as novidades modernas.

Em outros momentos da escrita do cronista, encontramos mais definições que edificam a idéia de superficialidade e demasiada fluidez de ser humano e civilizado :

¹⁶ Ib. Idem 14.

¹⁷ Ib. Iden 11, página 135.

“Em nome da Economia, a empresa, a incorporadora, o sindicato, a construtora, a multinacional, a para-o-diabo-que-os-carregue, não sabendo mais o que fazer de nossas vidinhas, montam a gente no topo de um sistema sem sol, sem paisagem, sem água limpa, sem sapos à noite, sem berro de boi, mas com muita música ordinária no “inferninho” da esquina; e depois de tudo, chamam-nos a nós, por tal forma constrangidos, de criaturas civilizadas.¹⁸

Além do estranhamento com o que se considera civilizado, já que não existe humanidade nessa cidade, se percebe também uma ligação bucólica a um ideal de civilização, já que costura coisas da natureza como a água ou o boi a uma coisa que, por sermos civilizados, não temos e não contemplamos. A fuga hipotética à natureza é comum em situações de certo desespero e desconforto nas cidades. Exemplos como esse temos desde o século XVIII no Brasil, quando os poetas Arcades viam no campo a saída para os males de uma cidade em construção, em uma construção brusca e devastadora. Em proporções diferentes, Porto Alegre também sofria dessa devastação da urbanização. As palavras de Bradbury exemplificam com clareza essa vontade de Guilhermino e sua vontade de fuga:

Por muito tempo, os escritores e intelectuais abominaram a cidade: o sonho de escapar a seus vícios, sua imediatividade, seu espraiamento, sua velocidade, seu próprio modelo de homem, tem sido a base de uma profunda dissidência cultural, visível naquela moda literária mais constante, a pastoral, a que se pode ser uma crítica à cidade ou uma pura e simples superação dela.¹⁹

O trecho também serve de matéria para oficializar a repulsa que Guilhermino mostrava quanto aos processos de modernização das grandes cidades, como as citadas anteriormente em trecho de Cruz, São Paulo e Porto

¹⁸ CESAR, Guilhermino. *Humanização do Cimento* In.: Caderno de Sábado. Páginas Escolhidas. Guilhermino Cesar 1908-2008 Org.: Maria do Carmo Campos. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. EDUCS, 2008.

¹⁹ BRADBURY, Malcolm. *As Cidades do Modernismo*. In.: Modernismo Guia Geral. 1890- 1930. BRADBURY, Malcolm; McFARLANE. Trad.: Denise Bottmann. Companhia das Letras, 1989. São Paulo, SP.

Alegre. Demonstração de uma sensação de estrangulamento que trata diretamente do espanto do poeta em relação aos produtos sociais criados pela modernidade.

Essa relação negativa mostrava-se conflituosa quando em *Delícias da Cidade* (25/03/1972) Guilhermino, pela voz de Elesbão, personificação de seu alterego, diz:

Sofremos na Cidade, mas não queremos sair dela. A cidade nos aflige, mas nos delicia. Tentamos uma “esticada” juvenil pelo Território de Rondônia, na esperança de encontrar a pedra filosofal; procuramos Niágara nas quedas do Iguaçu, vamos aliviar a cuca nas fronteiras da Venezuela, tentamos o ópio da fartura numa plantação de trigo em Erechim, mas o que nos fica no íntimo, nos escaninhos da alma, é um apego deslumbrado aos malefícios da Civilização. Somos a presa do automóvel, da boite, da geladeira, da máquina de escrever, do elevador (como falta luz nesses reinos em que ele trafega!), dos enlatados coloridos, dos supermercados escorchantes. Estonteados e perplexos, só não conhecemos bem as intenções do prefeito Thompson Flores, com relação aos buracos de rua e nos perguntamos se o nosso edifício será roído pela próxima enchente deixando à mostra a fragilidade do cálculo ante as calamidades cloacais esparramadas por aí.¹²⁰

Importante ressaltar que esse mundo de elevadores, automóveis e cores quase agressoras faz parte da contemplação de Guilhermino. Embora não use o encantamento e sim a crítica, o autor enxerga uma cidade inundada por tantas novidades que poderiam ser lindas e desenvolvidas se não tivessem degolado o prazer de ver, andar e não se houvesse perdido a vivência do calor humano que desenvolve o homem em sua essência e que o faz mais forte para viver em sociedade. O carinho, o respeito, a experiência de viver com e viver para outro se perdeu no meio da multidão. A idéia de tentar esticar para outros espaços que não sejam as grandes cidades são fugas funcionais, mas efêmeras, já que tudo acontece nas grandes metrópoles, tornando-se inevitável viver na polis.

Na Porto Alegre da década de 1970 eram poucos os lugares onde se podia alimentar o desejo de contemplação, rigidez e reconhecimento territorial humano que tinha Guilhermino Cesar. Esses pequenos lugares, ainda

²⁰ CESAR, Guilhermino. *Delícias da Cidade*. In.: Caderno de Sábado. Páginas Escolhidas. Guilhermino Cesar 1908-2008 Org.: Maria do Carmo Campos. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. EDUCS, 2008.

que exíguos, existiam, se não fisicamente, na mente e na vontade do escritor. Para mostrar seus desejos Guilhermino cita grandes escritores, poemas diversos e situações diretamente ligadas a esse escape que seria o campo, tão diferente do Fausto de Goethe, que vê nesse campo e nessas paisagens aquilo que derruba o crescimento e o progresso.

Para melhor desenvolver esse assunto, é importante discorrer, rapidamente, sobre um personagem criado por Guilhermino para falar em seu nome em situações que seriam de estrangulamento pessoal, mas que viram, de uma forma algumas vezes rígida, mas na sua maioria irônica, falas de Elesbão Lopes Duro, possível alterego do autor.

O personagem Elesbão aparece em um grande número das mais de 600 crônicas publicadas. Sempre surge em uma conjuntura crítica e ao mesmo tempo bem humorada, que está expressa na relação com a cidade de Porto Alegre e com as suas vivências naquela década. Mesmo que Guilhermino seja mineiro, a relação com Porto Alegre é bastante estreita. Parte daí uma das possíveis hipóteses para a criação do personagem: a situação do escritor como “estrangeiro” não permitia uma integração total com a cidade. Esse fator o colocava na situação de um observador peculiar. Talvez, por delicadeza, não ousou fazer críticas muito severas àquela que não era sua terra.

Ao contrário de seu criador, Elesbão é gaúcho, nascido em Anta Gorda, criado no Alegrete e depois de adulto se deslocou a Porto Alegre e se transformou em fiscal de praças e jardins.

Guilhermino usava-o para críticas mais severas, feitas de uma forma alegórica e divertida, abordando-as com poesia, música e um pouco de indignação. São diversas as crônicas nas quais encontramos o personagem, mas nos interessa especialmente, pela forma e abordagem, a crônica *Delícias da Cidade* em que ele aparece para ser a voz de protesto em relação ao que Guilhermino mostrava como ignorância: os produtos criados por uma modernidade asséptica e cruel.

A frase inicial da crônica citada acima reflete diretamente a força que tem o campo e as origens em uma cidade que deixa o poeta em completo desencantamento: *A constância com que a literatura exalta o campo e rebaixa a cidade, desde Homero ao Chacrinha, pode ser resumida desta forma: temos saudades do Éden.* No decorrer da crônica Guilhermino dá a palavra a Elesbão para que ele, com seu conhecimento peculiar de literatura, tal qual seu criador, pudesse intervir de forma mais popular, com uma linguagem que, mesmo desconstruindo uma erudição, parece chegar mais perto do leitor leigo no momento em que se propõe a traduzir ou explicar complexas formas literárias, de uma maneira acessível. Exemplo claro apresenta-se em um trecho de *Delícias da Cidade* onde Elesbão apresenta os problemas da cidade, citando o atrolhamento de veículos, falta de luz e os labirintos de vidro ou de ferro da polis. Ele mostra-se imperturbável diante de qualquer investida de qualificar positivamente a cidade com o desenho moderno e cita Paris, Jacinto de Tormes e os Campos Elísios (Champs Elisées). Com essa tentativa de tradução, Elesbão populariza o que pareceria óbvio a leitores mais cultos, porém, mostra-se consciente de que o jornal também é um artigo popular. Essa tentativa de diálogo entre o moderno, a cidade e o clássico literário vai ao encontro do fato de que a crônica, em seu processo cotidiano, atinge várias esferas de conhecimento e sentimentos. Segundo Antônio Candido, o fato de a crônica ficar tão perto do dia a dia

“...age como quebra do monumental e da ênfase. Não que essas coisas sejam necessariamente ruins (...) Ora a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas – Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoadada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia em suas formas mais fantásticas – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor”²¹

Eu não sei o que mudar aqui na formatação!

A citação de Candido se enquadra com perfeição ao espaço em que se insere *Delícias da Cidade*. Vejamos um trecho da crônica:

²¹ CANDIDO, Antonio. *A Vida ao Rés-do-chão*. In.: *A crônica. O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP; Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. Pág. 14

Elesbão, desolado, deixa no ar a fala de Zé Fernandes. Foi bom para ele, que anda meio rouco. Ontem, ao pretender atravessar a Avenida Independência, a Via Appia do porto-alegrense, o pobre tomou banhos sucessivos, gripou-se. Cada automóvel que passava, numa faixa sem bueiros de espécie alguma, banhava ruidosamente o passeio, mimoseando os pedestres com a lama da enxurrada.

A ironia fina de Guilhermino, ao referir-se a Elesbão e sua aventura em Porto Alegre num dia de chuva, encaixa-se perfeitamente na idéia de apegar-se ao miúdo e também fazê-lo aparecer com humor.

Muitas são as crônicas nas quais aparece Elesbão e suas tentativas inúteis de preservar as praças e a natureza da capital do Rio Grande do Sul. Ironicamente Guilhermino o usa com o intuito claro de chegar ao humor de uma forma refinada compartilhando, elementos literários e estéticos com o seu leitor.

Outra crônica em que o personagem se destaca é *De Elesbão ao prefeito Thompson Flores*. Nela Guilhermino apresenta uma epístola que Elesbão teria escrito ao então prefeito de Porto Alegre. Segundo o autor o personagem não teve coragem de enviá-la ao prefeito, mas Guilhermino achou a carta publicável e por isso a transcreveu. Pediu perdão ao leitor pelo erro de cópia; *o Elesbão, que é o escrúpulo em pessoa, não quis usar a máquina de escrever da repartição, e tem uma letra infame*.

Na carta, Elesbão apresenta ao prefeito a falta de cuidado com o patrimônio histórico e público – representação do passado que, de alguma forma, afeta o progresso – e lhe pede que repense as propostas de urbanização que estão em questão. Vejamos:

Cuidado excelência, que o mau-gosto é pegajoso. A alguns passos de seu gabinete, na Rua do Rosário, a pretexto de que era insuficiente o velho templo católico para receber o grande número de fiéis que ali acorriam, deitou-se abaixo, há poucos anos, uma igreja barroca de grande beleza; a que está lá, nova em folha, é uma verdadeira monstruosidade arquitetônica. Tudo isso porque o mau-gosto visceral já não respeita a “zona castiça” de Porto Alegre, a nossa cité, cuja fisionomia deve ser preservada carinhosamente, assim como preservamos, nos álbuns de família, a caratonha do avô e da avó.

É incômodo ao Elesbão que, em nome do progresso, se destruam belezas da cidade que marcam sua história. Mais uma vez é possível destoá-lo de Fausto, que quer eliminar toda a representação do velho, para que não atrapalhe a criação e o desenvolvimento da *Cimentópolis* (termo usado pelo próprio Guilhermino em *Humanização do Cimento*). Porém, Elesbão, assim como seu criador, percebe que não se constrói uma nova sociedade sem garantir a manutenção da sua história e o mínimo de humanidade. Essa negação é que está saltando aos olhos de nosso escritor ao perceber que a cidade está destruída pela mentalidade da máquina, do aniquilamento do passado, da construção do futuro a qualquer custo.

Na tentativa de explicar melhor à autoridade o porquê de manter as estruturas Elesbão compara a arte com as novas construções, o cimento e as urbanidades. Provando ao prefeito sobre a efemeridade das edificações, poderia falar de catástrofes naturais ou causadas pelo homem ou poderia falar de falências, mas não, ele oferece Quintana e diz que essa beleza poética é o que de fato vale, é a universalidade das palavras e dos sentimentos que podem abarcar não só arranha-céus, mas também as capacidades humanas de chegar aos céus com a sublimação da poesia.

A arte é um mistério, Senhor Prefeito; tem mais valor de permanência do que as coisas aparentemente sólidas e estáveis. Se alguém lhe dissesse, há três meses, que um poema de Quintana tem mais estabilidade do que o Banco da Província, V. Excia. Não acreditaria. Entretanto, o Banco da Província vai acabar, fundindo-se a outros, e os "Quintanares" estão aí infundíveis e inconfundíveis

A não coragem de Elesbão de enviar a carta pode estar atrelada àquela falta de comunicação já citada em *Civilization*: já que tem vergonha de comunicar-se da maneira mais sincera e culta possível, teme por seu empreguinto de jardinagem em uma cidade que não tem mais praças e jardins.

Podemos também pensar essa situação da comunicação no meio da "civilizada" população porto-alegrense, percebendo que o autor já considera que toda essa bagunça já tem ordem própria, um declínio a não gramática, onde se pode perder elementos básicos de riqueza espiritual em nome de uma sede material que elimina o patrimônio da fraternidade e da troca de

experiências. Com essa clareza em que o Oi se torna quase um grunhido que não se pode aumentar já que seria um desperdício de saliva e de palavras, é fácil dar-se conta de que: (...) *Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo de seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do atual.*²²

Para falar da moeda do atual é importante lembrar da *Cimentópolis* como o preço mais caro a pagar quando, por ela - por esse espaço vertical e assustador - cedemos às nossas vontades de possuir algo que valha como novo, como brilhante, esquecendo de que de nossas janelas já não poderíamos ver a aurora, menos ainda ouvir os pássaros cantando em seus ninhos. Mesmo que para que ainda existam, os pássaros estejam obrigados a dividir espaços com a rede elétrica da televisão, do rádio e da geladeira.

A situação de solidão, de rebaixamento moral e humano e de sufocamento vem unida a perguntas essenciais também discutidas por Benjamin em *Experiência e Pobreza*²³:

Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado hoje por um provérbio oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando sua experiência?

O velho, assim como acreditava Marinetti ou os Dadaístas, deveria ser então engolido por aquilo que o novo ou o jovem que Guilhermino em momentos afirma não saber analisar, pois os moços (*ou moças? Pelo cabelo não se conhece*)²⁴ atestam inteligência no vestibular de múltipla escolha e ainda são festejados por modernices, e deixado de lado para que se construa o novo a partir disso?

²² BENJAMIN, Walter. *Experiência e Pobreza*. In.: *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas*, Volume 1. 7ª Ed. São Paulo; Brasiliense, 1994. Pág.119.

²³ *Ibden.*: 16. Pág.: 114

²⁴ CESAR, Guilhermino. *Civilization*. In.: *Caderno de Sábado. Páginas Escolhidas*. Guilhermino Cesar 1908-2008 Org.: Maria do Carmo Campos. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. EDUCS, 2008.

De fato em um país como o Brasil, um reino da Oralidade, onde mitos e lendas compõem o imaginário da população em todas as classes sociais, que constrói a sua história com fortes pilares nos causos e rodas de conversas, seria um erro fatal acreditar que se pode destruir a rica história do seu passado. Não se pode viver somente das histórias de hoje, dessas caixas acimentadas que não nos permite vislumbrar e deslumbrar-nos com e Porto Alegre tão convidativa aos velhos casais, com histórias religiosas, de imigração, de escravidão, de reconstrução.

Como nosso escritor tem como característica *uma desilusão radical com o século e ao mesmo tempo uma total fidelidade a esse século*²⁵, é possível compreender o porquê de Guilhermino não sair da cidade como refúgio total daquilo que constantemente parece afugentá-lo de sua concentração e individualidade: a cidade tem um poder de encantamento. Lê-se em *Civilization*:

(...) e que a própria paisagem da beirario, onde puseram uma longa cortina para nos defender das enchentes, e que há muitos nos tirou da vista os aguapés e os barquinhos do Guaíba, que essa cortina do Cais do Porto, crivada de formas bonitas, nos apresente vivos ao homem futuro

Sim, que a arte, no meio da rua (a seca, álgida rua por onde transita o Dinheiro, o Lucro, a Pressa), não nos desumaniza. A arte, impressa no muro, em painéis, no rude cimento, que pelo menos ela possa testemunhar amanhã:

- Em 1974, na mui leal e valerosa Porto Alegre, ainda havia homens, e não apenas bonecos e robôs.

Encantar-se com o homem é permitir-se encantar com a cidade, construída por ele. Como percebe-se no trecho, acredita-se nele e no seu futuro pensante, já que alguém no futuro distante perceberia que o rastro humano então existente ainda persiste, estava ali, naquele momento histórico. Se o homem constrói a metrópole, é possível também fidelizar-se a ela a partir do humano.

O ser humano presente no intelectual e sisudo professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul captou com as antenas do poeta do seu tempo toda a agonia da terra da capital gaúcha. Apreendeu com o poder de observação o descaso e abandono do humano por trás de todas

²⁵Ib. Idem.: 16 Pág.116.

aquelas construções verticais e horizontais, pistas de carros que correm em direção a algum lugar ainda não definido, tentando capturar um lugar no futuro. Percebeu por aquele bloco humano que percorre as galerias, mercados, fábricas e avenidas que era necessário parar, comunicar-se, contemplar, mas acima de tudo, Guilhermino Cesar da Silva visionou a confusão da cidade dos nossos tempos e retratou suas visões do presente e do futuro no jornal Correio do Povo, e nele conseguiu transformar o mais banal cotidiano em poesia.

CONCLUSÃO

Com a leitura aprofundada das crônicas eleitas, dentre tantas outras de extrema importância, do livro *Caderno de Sábado, páginas escolhidas. Guilhermino Cesar 1908-2008* de organização de Maria do Carmo Campos, foi possível perceber a importância da participação de Guilhermino Cesar no *Caderno de Sábado* do *Correio do Povo* de Porto Alegre, pois suas crônicas levaram o leitor a refletir sobre seu tempo e sua atuação como protagonistas neste tempo.

Além disso, nosso autor levou ao público não apenas uma boa leitura, mas um retrato conseqüente da Porto Alegre daquela época. Um retrato por vezes amassado, rasgado de uma cidade vítima dos processos de urbanização descontrolados, de modernizações desumanas e de uma Modernidade tardia. Essa é uma comprovação de que não só tivemos uma forte documentação sobre a década de setenta da capital do Rio Grande do Sul, mas também uma literatura que abordou, sensivelmente, de forma literária, as sensações, às vezes não perceptíveis, com um texto de linguagem fina e lapidada.

Para essa comprovação, utilizamos: *Civilization* (1973), *Humanização do Cimento* (1974), *Delícias da Cidade* (1972) e *De Elesbão ao Prefeito Thompson Flores* (1972) crônicas nas quais era gritante o envolvimento e o incômodo com os efeitos de uma urbanização forçada por uma Modernidade tardia. Por terem sido escritas em anos distintos, serviram de constatação para a demonstração de que não eram uma ou outra crônica que, por capricho do escritor, falavam sobre o difícil processo de adaptação da cidade em questão ao mundo Moderno. Retratadas da forma mais literária possível, comprovavam uma universalidade, já proveniente do incômodo dos

poetas e críticos franceses – quando do desenvolvimento Moderno em seu país – e mostravam que havia um projeto e um sentimento seguido pela cidade e seus administradores, que assim transformaram a urbe em um antro de confusões urbanísticas e um possível ninho de poetas apaixonados ou espantados por essas novidades.

Portanto não é difícil dizer que Guilhermino captou, com intensa sensibilidade, as agruras de um tempo e, com essa delicadeza, escreveu, semanalmente, uma história urbanística, cidadina e literária da qual não se pode prescindir.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raul. João do Rio = Salomé. In.: **A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Org.: Setor de Filologia da FCRB. Campinas, SP; Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

ASSIS, Machado. História de 15 dias. In.: NEVES, margarida de Souza. **Uma escrita do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas**. In.: A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Org.: Setor de Filologia da FCRB. Campinas, SP; Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1997

BEHR, Maria Beatriz Weigert. **A poética do escuro. Uma leitura da poesia de Guilhermino Cesar**. UFRGS, 1986. Porto Alegre, RS

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In.: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas, Volume 1. 7º Ed. São Paulo; Brasiliense, 1994. Pág.119.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire **Um lírico no auge do capitalismo**. Obras Escolhidas III. São Paulo, SP; 1989: Editora Brasiliense

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 43º Ed. Cultrix. São Paulo, 2006.

BRADBURY, Malcolm. As Cidades do Modernismo. In.: **Modernismo Guia Geral. 1890- 1930**. BRADBURY, Malcolm; McFARLANE. Trad.: Denise Bottmann. Companhia das Letras, 1989. São Paulo, SP

CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. Imagens Urbanas na Poesia de Drummond. In.: **Leituras de DRUMMOND**. Org.: Flávio Loureiro Chaves. IEL – Instituto Estadual do Livro; EDUCS; Nova Prova Editora, 2002. Caxias do Sul, RS

CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. **A Matéria Prismada. O Brasil de Longe e de Perto & Outros Ensaio**s. Mercado Aberto, EDUSP. Porto Alegre, 1999.

CANDIDO, Antonio. A Vida ao Rés-do-chão. In.: **A crônica. O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP; Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CESAR, Guilhermino. *Sistema do Imperfeito e outros poemas*. Porto Alegre: Globo, 1977

CESAR, Guilhermino. Instituto Estadual do Livro. In.: **Autores Gaúchos**, 13. Entrevista concedida a Léa Masina e Vera Regina Morganti. Porto Alegre, RS; IEL, 1986

CESAR, Guilhermino. In.:**Caderno de Sábado**. Páginas Escolhidas. Guilhermino Cesar 1908-2008 Org.: Maria do Carmo Campos. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. EDUCS, 2008.

CRUZ, Claudio. **Literatura e Cidade Moderna** – Porto Alegre 1935. EDIPUCRS: Instituto Estadual do Livro, IEL, 1994. Porto Alegre RS

LISPECTOR, Clarice. O Amor. In.:**Laços de Família**. Rocco, 1998. Rio de Janeiro, RJ.

MARQUES, Márcia Cristina Roque Correa. **Epifanias Compartilhadas: o diálogo entre Caio Fernando Abreu e seus leitores através das crônicas**. UFRGS. Porto Alegre, maio de 2005.

MÜLLER, Dóris Maria; SOUZA, Célia Ferraz de. **Porto Alegre e sua Evolução Urbana**. 2 ed. UFRGS Editora, Porto Alegre, RS, 2007

NEVES, Margarida de Souza. Uma escritura do tempo: Memória, Ordem e Progresso nas Crônicas Cariocas. In.: **A crônica. O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Org.: Setor de filologia da FCRB. Campinas, SP; Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cidade maldita. In.: **Imagens Urbanas – Os Diversos Olhares na Formação do Imaginário**. Org. : PESAVENTO, Sandra Jatahy, SOUZA, Célia Ferraz. 2 Ed. UFRGS Editora, Porto Alegre, 2008.

RIO, João do. O Velho Mercado. IN.: **Cinematographo**. Porto, Chardon, 1909. Pág.: 215

VERDE, Cesário. **O sentimento de um ocidental**. Lisboa, Portugal: Campo das letras, 2006

SITES USADOS

<[http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianobrasil/arquivos-em-pdf/Imprensa Brasileira dois seculos de historia.pdf](http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianobrasil/arquivos-em-pdf/Imprensa_Brasileira_dois_seculos_de_historia.pdf)>

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Correio do Povo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_do_Povo)>

<<http://www.unicamp.br/~hans/mh/contexto.html>>

